



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por Augusto de SANTA RITA
Desenhos de A. CASTAÑE

A RDILOSA Raposa, Raposinha matreira, Raposona astuta ou Raposinha velha, eis as quatro alcunhas por que era assás conhecida, no antigo logarejo da Capoeira-Velha, uma certa raposa, afamada gatuna de forasteiros.

Dr. Coelho Pardo era, no referido logarejo, considerado, por toda a criação, um grande sábio, um ervanário illustre, recentemente formado em medicina natural pela grande Escola da Tisana, mundialmente conhecida.

Béu-béu-Cachorro-A'lerta era a mais considerada autoridade do sítio, antigo cão-polícia e actual chefe da Segurança Pública daquela região.

Dom Galo Esporão Crista Vermelha, Dona Pedrês Crista Murcha, Dom Patarreco Branco, Zé Frangainho, Zé Pinto, Zé Pintainho eram as mais illustres famílias, quasi senhores feudais, do logarejo afamado.

Raposinha-matreira desde que Béu-béu-Cachorro-A'lerta tomara posse do seu alto cargo, andava anémica e fraca,

em virtude das privações que passava, impossibilitada de surripiar, como até ali, quanto deparasse à mão ou, melhor, ao focinho agudo e farejante. Sentindo já faltarem-lhe as forças, pôs-se a maquirar na melhor maneira de se fornecer, por atacado, dos necessários viveres, dos acepipes mais da sua predilecção: — coelhinho guisado; peito de galinha, frio; foie-gras; pintainhos recheados, faisão tufado e, se possível fosse, biquinhos de rouxinóis.

Depois de muito ruminar o seu projecto, decidiu encher uma barrica com cascalhos e pedregulhos, pondo, à superfície, uma mão-cheia de talinhos de couve e milho — (que era a moeda corrente naquele logarejo)

— a fim de dar a ilusão de ser possuidora duma

(Continua na página 3)





◆ ENGENHOCAS ◆ PASSATEMPOS ◆ ADIVINHAS ◆ JOGOS ◆

UM COPIOGRAFO

A pedido dos «sobrinhos» Jorge António de Campos e José Gomes, de Sesimbra

Meus amiguinhos:

Queixaram-se-me de que o copiógrafo não dava resultado. Só posso atribuir o insucesso ao facto de não se terem cingido às minhas instruções, pois que outros vossos «primos» dizem maravilhas desta engenhoca.

Vamos por partes para chegarmos a bom termo.

Suponham que vão fazer um copiógrafo com as dimensões 20 x 15 cm. tamanho mais interessante para um pequeno jornal que editem.

Para a CASA das MÁQUINAS são necessários os seguintes materiais:

1 taboleiro de folha ou «cuvette» de louça: — 50 gramas de gelatina, ou grude de carpinteiro; — 200 gramas de glicerina que se vende em qualquer drogaria; — 100 gramas de água; — Algumas gotas de um desinfectante (creolina, por exemplo) para evitar que a massa se deteriore.

Quebrem a gelatina ou o grude em pedaços, o mais pequenos possível e juntem-lhe a glicerina e a água (na qual previamente, misturaram o desinfectante — 5 gotas).

Depois de bem mexido deixem repousar num tacho ou

qualquer recipiente que possa ir ao lume, durante uma ou duas horas, para que a gelatina ou grude se embeba bem, ficando mole.

Entretanto, limpem muito bem o taboleiro, vedando-lhes todos os buracos cuidadosamente.

Levem ao lume, mexendo com um pausito para que se misture bem, até ficar bem fundido, mas cautela *não deixem ferver*, senão têm tudo estragado por causa das bolhas de ar!

Esta fusão fica mais perfeita, sendo em banho-maria cujas explicações lhe podem ser dadas pela cozinheira.

O taboleiro de que já falei, deve estar sobre uma mesa bem plana, ao abrigo de qualquer encontrão.

Deitem-lhe a massa derretida dentro, de forma a que fique bem espalhada em toda a superfície.

É esta a operação mais delicada do copiógrafo.

A massa deve arrefecer gradualmente, sem precipitações para não ficar enrugada, pois se isto suceder tem que voltar a ser fundida.

É preciso, então, comprar uma tinta que se vende em folhas as boas papelarias — TINTA de COPIOGRAFO da qual a melhor cor, e a mais vulgar, é a roxa.

Escreve-se em papel quadriculado ou almaço com a tinta de copiógrafo, fazem-se os desenhos decalcados em

papel vegetal que se colam no seu respectivo lugar, no próprio dia em que é feita a massa, coloca-se essa folha, escrita com cuidado, sobre a massa, esfregando, levemente, durante um minuto.

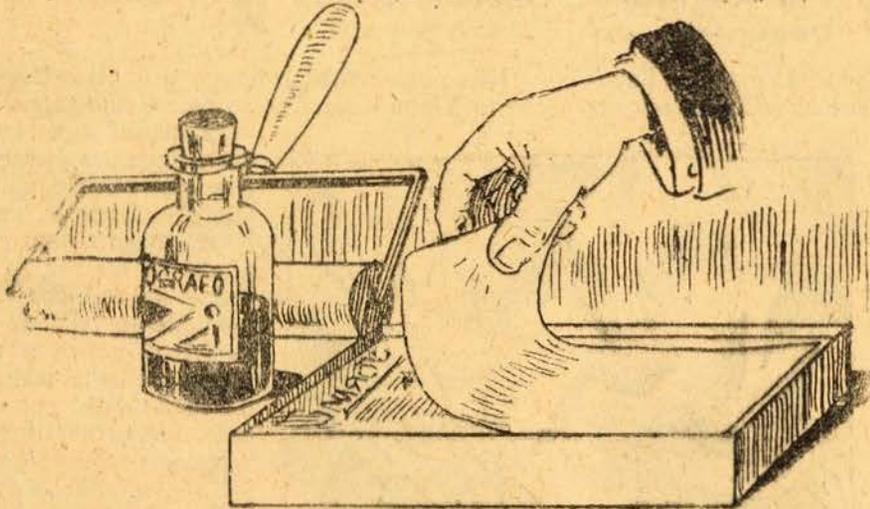
Pega-se numa ponta e tira-se esse papel de prova que se deita fóra.

É depois e logo a seguir que se imprimem os jornais de preferência em papel ordinário, deste que empregam os jornais diários.

Posso-lhes garantir que, desta maneira, conseguirão fazer pelo menos 50 exemplares do vosso jornal.

E depois não se esqueçam de me enviar um exemplar para eu ver.

TITONÍO



1.º CONCURSO DE CHARADAS E ADIVINHAS

Foi iniciado, no nosso número passado, um concurso de charadas e adivinhas com prémios, cujas condições não repetimos por absoluta falta de espaço.

A pedido de vários leitorinhos, abaixo mencionamos essas condições às quais ficam sujeitas todas as respostas a enviar.

1.º — As soluções ser-nos-hão enviadas até ao sábado da semana seguinte em que forem publicados os problemas.

2.º — Os leitores que adivinhem todas as charadas e adivinhas serão considerados campeões e terão o seu nome ou pseudónimo no quadro de honra que publicamos.

3.º — Os leitores que consigam conservar-se campeões durante 5 números seguidos, receberão como prémio, um lindo livro de contos ou novelas tendo, também, direito à publicação do seu retrato em lugar de destaque.

4.º — Sendo mais que 3 os premiados, far-se-há um

sorteio, ao qual ficarão sujeitos os concorrentes que obtenham tal classificação.

Condições para concorrer.

1.º — Os concorrentes deverão ter menos de 15 anos de idade.

2.º — Concorrerão com um pseudónimo, mas é sempre necessário que na sua correspondência venha o nome e apelido completo, idade e morada.

3.º — Numa folha de papel almaço vulgar, escreverão, ao alto, o nome, pseudónimo e morada e, por baixo, pela ordem numérica, as soluções.

Estas soluções deverão ser enviadas a

Rua do Seculo, 43. — Lisboa.

TITONÍO.

Desta forma, as soluções do nosso número passado, devem estar em nosso poder até ao dia 20 do corrente.

O CONSELHO DA AVE-MÃE

POR AUGUSTO DE SANTA RITA

UM dia uma linda ave,
sôbre o seu ninho suave
todo feito de penúgem,
disse aos filhinhos:

— «Não sujem

O vosso bibe de penas,
que era pena!...
Sêde sempre aceadinhos!
Vêde com que aceio os ninhos
os vossos paizinhos fazem!...»

Desde então, os passarinhos
seus bibes de penas trazem,
constantemente, limpinhos.



Meninos, segui, também,
o conselho que a Ave-Mãe
quiz dar aos seus pequeninos:
pois se nêles a limpeza
tem beleza, meus meninos,
vêde bem:
mais beleza,
com certeza,
no vosso corpinho tem!

■ F I M ■

(Continuado da pagina 1)

enorme riqueza. Amarrou, em seguida, um grande lenço em volta da cabeça, e mandou chamar o Dr. Coelhoinho Pardo que se não fez esperar.

Mal o viu entrar, fingindo-se a morrer, Dona Ardilosa Kaposá começou a chorar e pediu-lhe que fôsse chamar o escrivão da pena grande Dom Faisão e o cangalheiro-mór Peru-velho, pois se sentia a morrer e queria fazer testamento. Que estava deveras arrependida da vida criminosa que levava e que estava disposta a legar todos os seus bens aos habitantes do logarejo, excepto a Bêubê-Cachorro que não era da sua simpatia. E,

enquanto falava, olhava, intencionalmente, para a grande barrica, que parecia repleta de milho e de talinhos de couve, para a qual o Dr. Coelhoinho Pardo, de quando em quando, atirava o rabicho do olho.

Com a sua fisgada, Raposinha matreira, simulando grandes faltas de ar e com voz sumidinha, insistia no desejo de ver, à sua cabeceira, não só o escrivão da pena grande, o cangalheiro-mór e o Dr. Coelhoinho mas, também, D. Galo Esporão Crista Vermelha, D. Pedrês Crista Murcha, D. Patarreco Branco, Zé Frangainho, Zé Pinto, Zé Pin-

(Continua na pagina 4)

taíno e Zé Pintinho, pois a todos queria tornar cientes da sua deliberação.

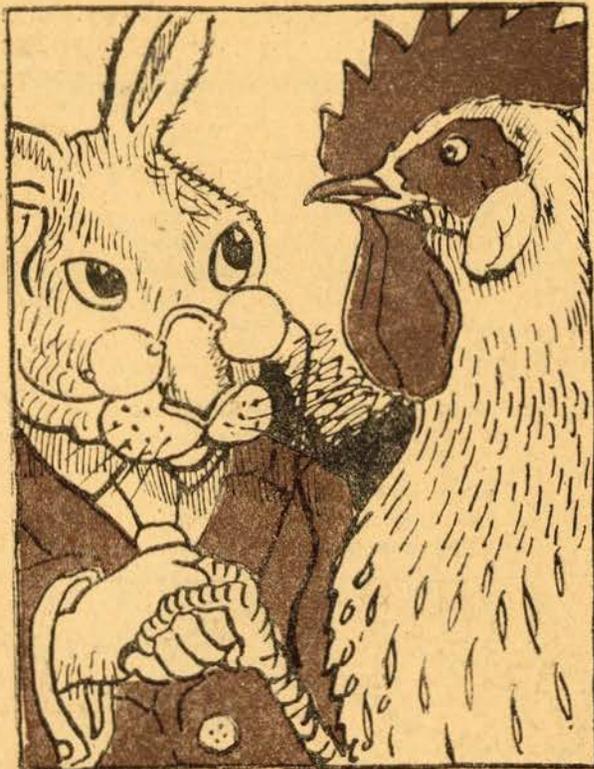
Coelhinho Pardo, depois de, carinhosamente, a consolar, foi, muito lépido, participar a grande novidade a todos os habitantes da Capoeira-Velha. O primeiro que encontrou foi o senhor D. Galo Esporão que estava a debicar numa estrumeira. E, mal o viu, logo lhe disse:

*Senhor Dom Galo Esporão,
chegue cá, ouça uma cousa
que é de grande sensação:
Dona Arditosa Raposa,
que está de pés para a lousa,
vai deixar-lhe um dinheirão!*

Tal ouvindo, D. Galo Esporão pôs-se, logo, a correr em direcção à casa da raposa.

E o Dr. Coelhinho, encontrando, a seguir D. Patarreco Branco, que estava a banhar-se numa piscina, logo se pôs a dizer-lhe:

*Patarreco, meu amigo,
chegue cá, ouça uma cousa
que eu em segredo lhe digo:
— D. Arditosa Raposa,
que está de pés para a lousa,
deixa «bago» ao meu amigo!*



*Senhora Dona Pedrés
chegue cá, ouça uma cousa
que vai pasmá-la talvez:
D. Arditosa Raposa,
que está de pés para a lousa,
deixa «bago» a vómeçes!*

Tal ouvindo, D. Pedrés logo disse aos filhos:

*Coitadinha, coitadinha!
Meus filhos, vamos já vê-la!
Se ela nos deixa massinha,
é porque é nossa amiguinha!
Vamos já a casa dela!...*

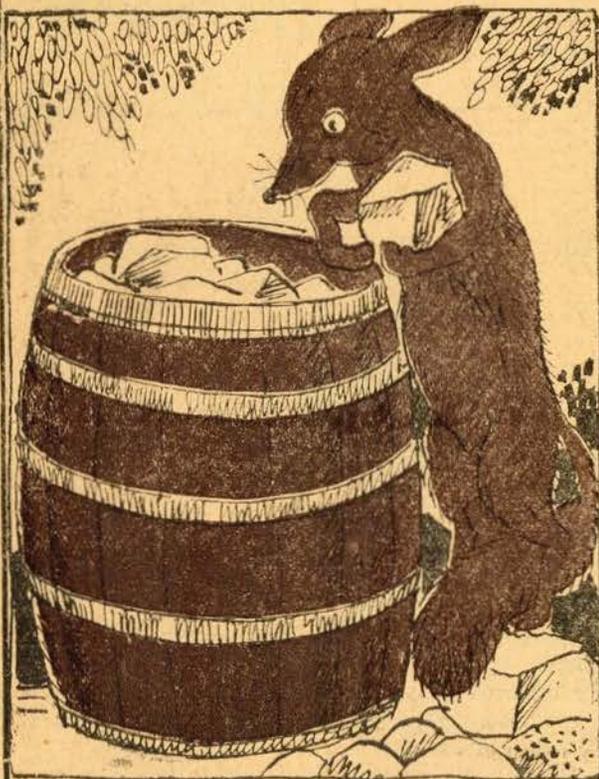
E, sem mais tir-te-nem-guarde, desataram todos a correr em direcção à casa da raposa, excepto o Zé Pintinho que era o mais saíndinho da casca e o mais esperto, portanto.

— «Então, não vens?! ...» disseram-lhe os irmãos, vendo-o ficar imóvel e meditabundo.

— «Eu já lá vou ter!» respondeu, por fim, mas pôs-se a caminhar em direcção contrária. E, passados dez minutos, Zé Pintinho, à porta da casa do antigo cão-polícia, dizia-lhe assim:

*Amigo Bêu-bêu-Cachorro,
venha já em meu socorro,
senão morro!
A Raposinha Matreira
mandou ir a casa dela
toda a nossa capoeira,
que caiu nessa esparrela!*

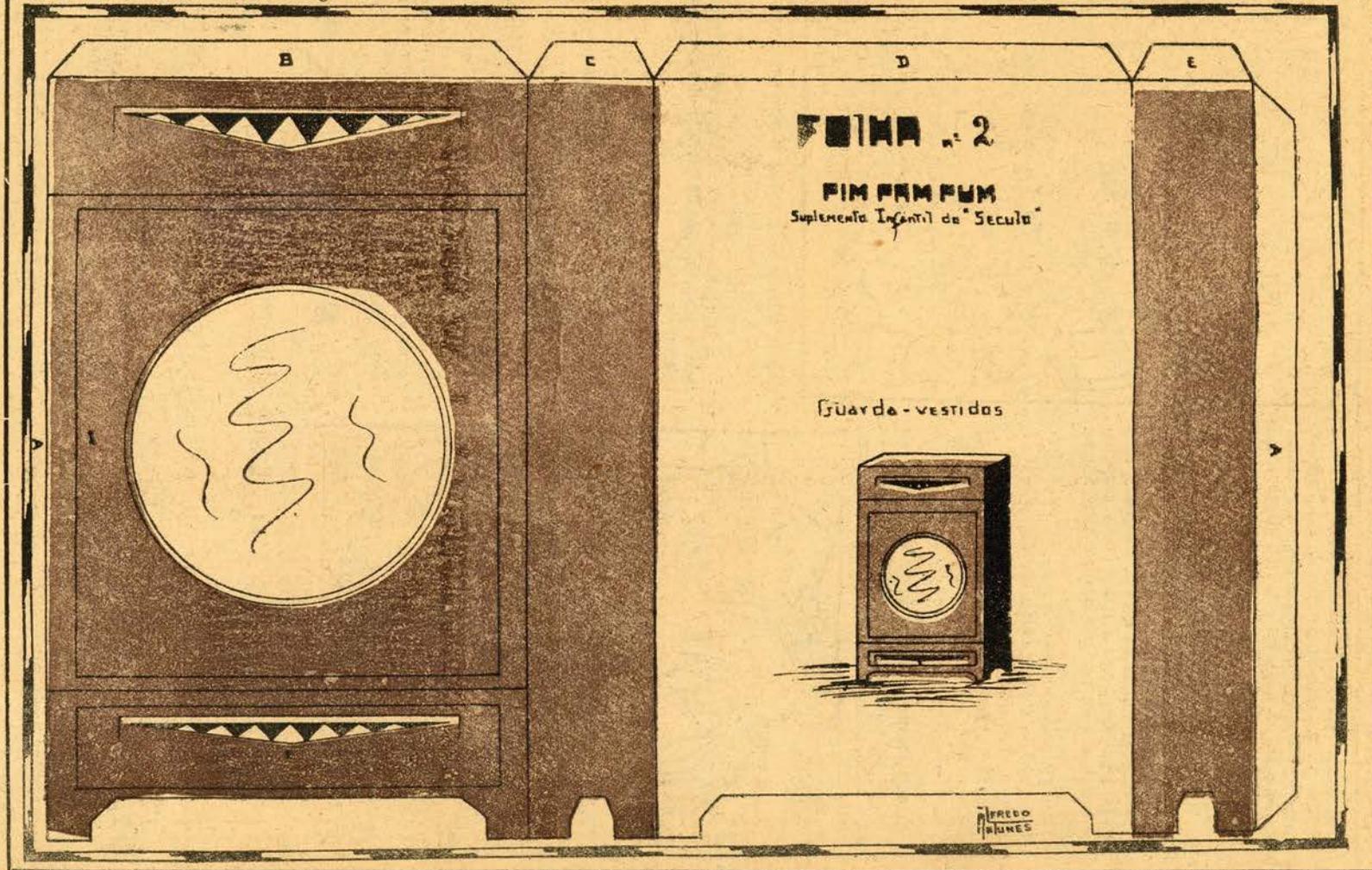
Pondo a coleira de bicos, que era o seu far-
(Continua na página 6)



Saíndo, imediatamente, do banho e espanando-se todo, tal ouvindo, D. Patarreco pôs-se, logo, a correr em direcção à casa da raposa.

E o Dr. Coelhinho encontrou, pouco depois, Dona Pedrés Crista Murcha que estava rodeada de seus quatro filhos. E, logo, lhes deu a novidade:

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR — (VIDE INSTRUÇÕES NO NUMERO ANTERIOR)



FIM FIM FIM

damento de serviço, imediatamente, Cachorro A'lerta se pôs a caminho, ao lado de Zé Pintinho, com tal ligeireza que chegaram quâsi ao mesmo tempo que D. Galo, D. Pedrés, D. Patarreco, Zé Frangainho, Zé Pinto, Zé Pintainho e o próprio Dr. Coelhinho Pardo.

Antes de entrar, porém, Zé Pintinho combinou com Bêu-bêu-A'lerta êste ficar atrás da porta, para só intervir no caso duma cilada. Dito e feito. Como se houvesse vindo sòzinho, entrou e logo viu D. Ardilosa Raposa da cabeça amarrada, toda estendida na cama, com a roupa muito aconchegada e a dizer com voz sumidinha e uma talinha dôce:

*Cheguem-se todos a mim,
pois sinto que estou no fim,
no meu último momento!
Quero fazer testamento
a favor de todos vós...*

E, sem mesmo acabar a lenga-lenga, deu, de súbito, tal pulo que todos se assustaram e correu para a porta, a-fim-de a fechar à chave e poder,



depois, devorá-los a todos. Então, muito espevitadinho, o Zé Pintinho gritou:

— «A'lertia, Cachorro-A'lerta!»

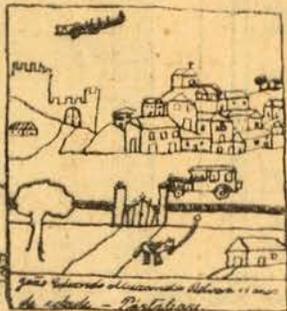
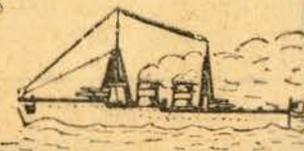
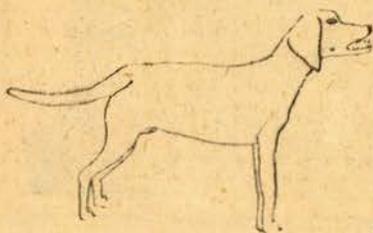
E êste grito, que era uma capicúia, ressoou por todo o quarto ao mesmo tempo que Bêu-bêu Cachorro,

*surgindo de trás da porta,
cal sôbre a D. Ardilosa,
a tão astuta Raposa,
que, desta vez, quâsi morta,
depois duma grande tosa,
ficou de pés para a lousa
e foi a enterrar na horta.*

*E assim, meus meninos, termina esta história.
Oxalá ela sirva de ensinamento àqueles que, em
vez de procederem franca, leal e honestamente,
recorrem, como a astuta e hipócrita raposa, a
processos arditos que o Destino, tarde ou cedo,
se encarrega sempre de castigar.*

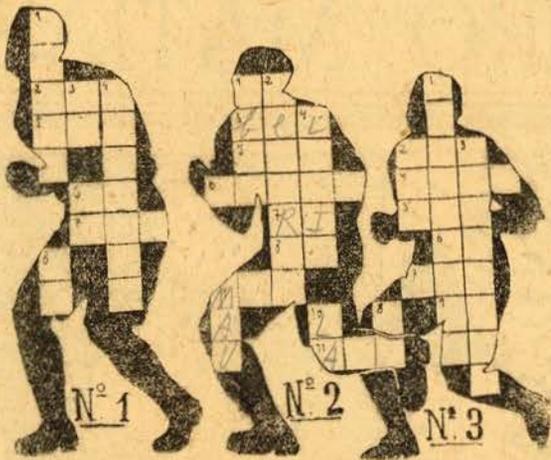
■ F I L M ■

COLABORAÇÃO INFANTIL



PALAVRAS CRUZADAS (Os corredores)

ADIVINHA



Américo Gonçalves

N.º 1 — HORIZONTAIS — 2 — para barlavento. 5 — de-
ler. 6 — pronome. 7 — moeda de prata da Índia inglesa.

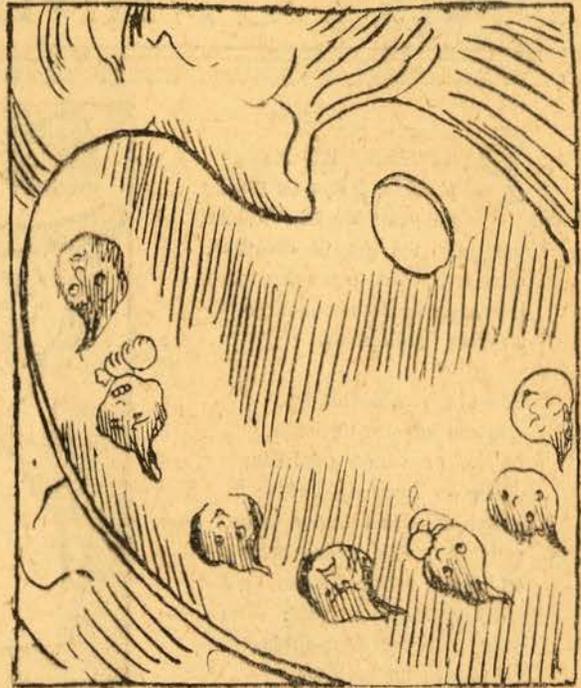
VERTICAIS — 1 — não nascido. 3 — devaneia. 4 — po-
vos da Asia. 9 — cânhamo da Índia. 8 — parte do navio
que fica entre a pòpa e o mastro.

N.º 2 — HORIZONTAIS — 1 — aquele lugar. 3 — sa-
cerdote muçulmano. 5 — gerader. 6 — homem respeitável.
7 — graceja. 8 — duas vogais. 9 — abismo. 11 — macaco do
Amazonas.

VERTICAIS — 1 — tanga usada pelos timorenses.
2 — fazer-se, ao mar largo. 4 — brinquedo. 9 — nocivo.
10 — ali.

N.º 3 — HORIZONTAIS — 2 — planta labiada. 4 — cin-
ta. 5 — constelação austral. 6 — artigo. 7 — pedra do altar.
8 — quantia mínima. 9 — distar.

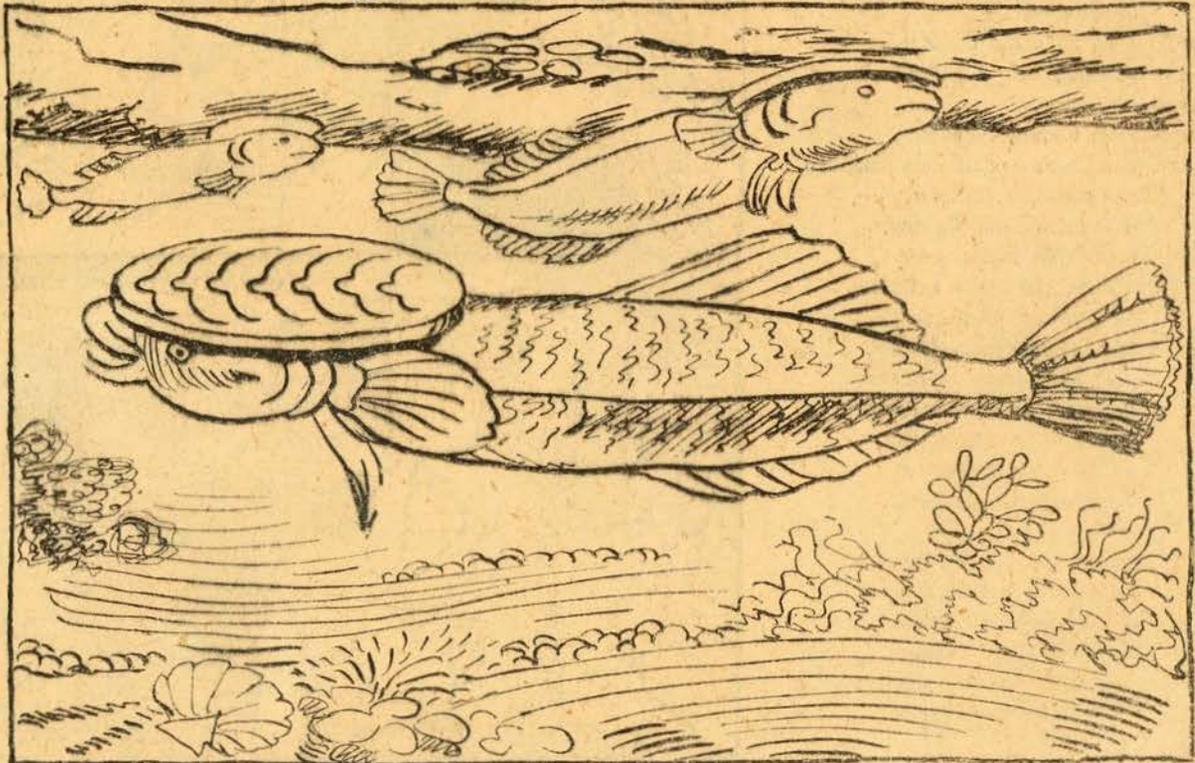
VERTICAIS — 1 — amigo de aventuras. 2 — árvore da
ilha de S. Tomé. 3 — hidropisia de serosidade no tecido
celular.



Meus meninos:

Esta é a paleta dum pintor que está pintando
um quadro onde apresenta os sete pecados. Ve-
jam se descobrem os 7 pecados e o pintor.

PARA OS MENINOS COLORIREM



A RÉMORA

PANTOMIMEIRO MATIAS

PANTOMIMEIRO Matias é certo, todos os dias, na praia de São Tobias, prégando um grande discurso, com seus cães, macaca e urso, a apresentando a concurso as suas habilidades.

São cinco celebridades, que em suas variedades, fazem, provando centelha, coisa do Arco da Velha: — um cãozinho que ajoelha, ergue as mãos, pede perdão; outro que ralha: *ão, ão, ão!* após grande discussão; outro que faz de polícia, voluntário da melícia, e é permanente delícia dos pequerruchos na praia.

Uma macaca de saia, de blusinha de cambraia, de malinha e de sombrinha, com maneiras de rainha destronada, e de tal modo engraçada, que põe tudo à gargalhada.

Dom Urso pelotiqueiro, que dança ao som dum pandeiro nas mãos do pantomimeiro, o Dom Matias, que tem, à falta de melhor bem, o dom, que muito entretém, de fazer rir os petizes, tornando-os muito felizes, pois até mesmo as raízes precisam de água e calor, para se abrirem em flor, ao sol, cujo resplendor é como o riso da gente.

Surge, por fim, de repente, estendendo a toda a gente a bandejinha do estilo, à cata dalgum dinheiro, o inventor de tudo aquilo: — Matias pantomimeiro!

